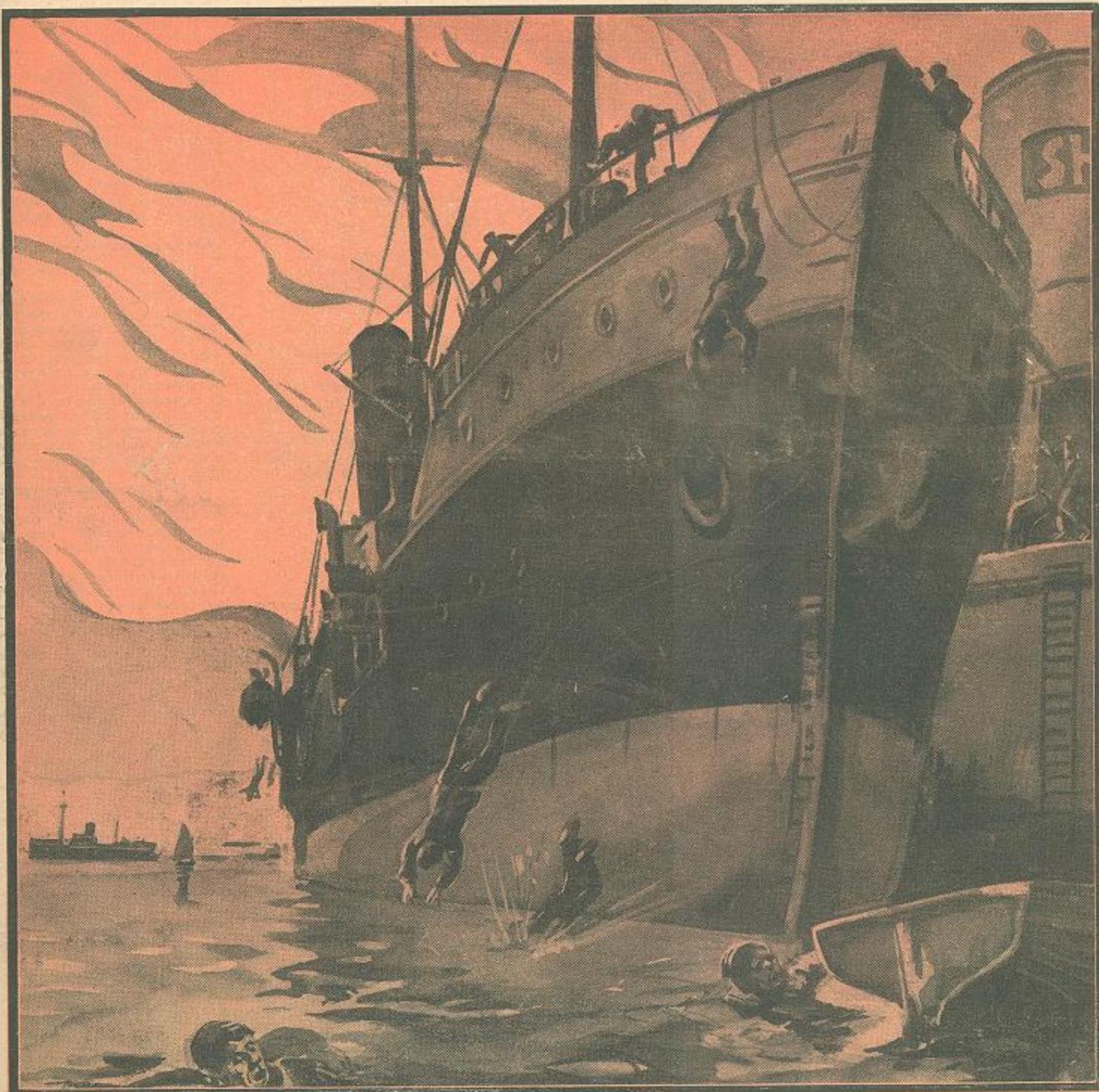
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 69 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

Entre o fogo e a agua!

Em Belem, 3 chinezes para se salvarem das chamas do seu barco em fogo, atiram-se ao rio—e morrem afogados!

O grande espectaculo mundano são as corridas do Jockey-Club

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 69

LISBOA 9 DE MAIO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

A historia do homem das barbas

Era uma vez um velho de longas barbas. O velho vivia feliz e nunca tinha pensado nas barbas. Um dia outro velho acercou-se dêle, e disse-lhe: Já pensaste alguma vez ancião, se dormis com as vossas barbas para dentro ou para fóra da roupa?

O outro, encolheu os hombros e respondeu-lhe: Não sei.

Mas dahi por deante, nunca mais poude dormir, com a preocupação de ter as barbas para dentro ou para fóra.

Ora digam-nos, se a questão dos tabacos, o problema do inquilinato, e outros monstros sociais, não são, mais ou menos, as barbas do velho?

Os tabacos são uma grande industria. Se assim é, tabele-se, taxe-se, sobretaxe-se, crivese de impostos como todos os outros, e renderá muito.

Não ha casas, porque para a habitação se creou um regimen unico, e de excepção. Tudo em volta oscila, livremente, e o preço das rendas é fixo. Hoje é impossivel voltar de repente á liberdade antiga. O que estragou as duas questões foi, tal ,como no caso das barbas, começarmos a pensar de mais nelas e transformarmo-las em grandes questões—e como tais, insoluveis...

O Orfeon de S. Bento

Causou uma agradavel surpreza em todo o pais, principalmente no meio artistico, o debute do orfeon parlamentar n'uma das ultimas sessões em que o Governo quasi não ganhou para o seu tabaco.

Em verdade já que não conseguimos o progresso economico do paiz, conseguiremos ao menos o seu progresso artistico.

E alem disto as sessões parlamentares tornam-se muito mais amenas e não se perde tudo.

O que os deputados lá dizem, sem ser por musica, são tambem cantigas. Ora ao menos assim, ouvem-se com mais agrado.

Quando houver sessão noturna e não tivermos onde entreter o tempo, vamos até S. Bento ouvir os belos coros parlamentares.

Almoça-se...

Os amigos do sr. dr. Filipe Mendes, que é ma simpatica pessôa, estão fartos de lhe oferecer almoços. Iamos a dizer... por dá cá aquela palha—sem ofensa. Quando alguem brama contra o antigo governador civil de Lisboa, logo eles surjem a dizer: venha dahi almoçar com a gente. Agora, deram-lhe um almoço no domingo,—e não contentes com isso, outro na 2.ª feira!! Com um pouco mais de popularidade, o dr. Filipe Mendes resolve o caso das suas subsistencias! — ainda que com um poucochinho de ridiculo. E é pena!

CASA COM ESCRITOS

—O quê, um conto de renda por este rez-do-chão? Não tem nada mais baixo?
—Temos! As caves!

Má língua

A FILHA DO CÉGO

Quem me odiar e só gostar de ver
em tudo quanto faço, o ponto fraco,
ante o titulo de hoje hade dizer
que á falta de outro assumpto a descrever
me dedico aos romances de pataco.

Bem sei que nestes tempos luminosos
só se deve falar de coisas futeis;
que todos os accordes dolorosos
são tidos por delirios criminosos
ou por chochices francamente inuteis;

tambem sei que o narrar de antigos transes
vividos por peraltas gadelhudos
não falla ás multidões que amam os lances
as morbidas visões de outros romances
de mais sensualidade—e mais escudos;

—e, porque o sei, não trago para aqui
enrêdos de romantico enredar...
Tratarei de esconder o que senti,
dizendo sem rodeios o que vi,
para quem me quizer acreditar.

Hontem. Chovia muito. Aborrecido,
(porque tanto máu tempo é já descáro),
á falta de prazer melhor sentido
o espirito engolfou-se-me, abatido,
na historia criminal do Padre Amaro.

Via-se da janela o pateo triste
vazio de pessôas e animaes;
aquele freixo, quasi sempre em riste,
pendia os curvos braços de Maciste
tolhidos dos aguaceiros hibernaes...

Nisto, batem á porta, de mansinho.
Pousei o livro e fui ao patamar.
Salpicados da lama do caminho,
em baixo, uma mulher e um céguinho
começaram, humildes a cantar

Cantáram longamente. Elle era novo,
ella de um loiro fusco: sobre a trança
trazia um lenço cor de gemma de ovo.
Duas almas do povo; desse povo
que uns suppoem Bandido, outros Creança

Elle, tinha a guitarra;—era o Artista
que ainda, mesmo cégo, a orientava;
ella, o violão; e não tirava a vista
das callejadas mãos do guitarrista
que no canto e na vida acompanhava.

Tocávam forte, com a voz fanhosa
que nunca teve escolas aonde ir,
cantavam muita coisa pavorosa
muita phylosophia tortuosa
em mil tropegos versos por medir.

Reparei que a mulher quando tocava
ou quando rouquejava algum gorgeio,
sobre o vulto do chaile que a embrulhava
com cuidado o violão enthronizava
a bastantes centimetros do seio;

achei que era custosa acrobacia
dar assim tanto á larga aquelle laço
e farejei que causa tornaria
assim tensos os braços que estendia
para tocar, num maternal abraço.

Accabaram. E o chaile destraçou-se
e eu vi... o que tentara adivinhar:
—um olharsito pequenino e dôce
que um detective por maior que fosse
nunca alli poderia suspeitar.

Sorriu. Mammou. Adormeceu. Agora
quem sabe lá dizer onde elles vão!
Cantando sem cessar, póvos em fóra,
uma canção que quanto mais sonóra
mais aconchêga um filho ao coração...

TAÇO

questão prévia

QUEM escreve nos jornais está sempre sujeito a ser abordado por um amigo ou conhecido que, pondo-lhe a mão no ombro, invariavelmente, pergunta sugerindo, ou sugére perguntando: «Porque não dá você uma valentissima sova, lá no seu jornal, nisto ou naquilo, neste ou naquele sujeito?»

Esta noção de que as penas são de marmeleiro e de que os jornais, que elas escrevem, não passam de campos de feira ou adros de romaria, está infelizmente, muito generalisada. Com facilidade qualquer pessoa, mesmo das que teem uma certa cultura, crê que o periodico que ás mãos lhe vai ter, ou vendido pelo ardina ou em embrulho da mercearia, é meramente um instrumento de bisbilhotice, pormenorisando a mais insignificante reportagem, e ao mesmo tempo um instrumento contundente, zurzindo e descompondo pessoas e instituições.

Não quero entrar em averiguações acêrca das responsabtlidades que certos jornais teem na formação, no espirito publico, dum tal conceito sobre a imprensa periodica e sua missão, limitando-me a esclarecer que todas as considerações, que antecedem, me foram sugeridas por uma abordagem de que ha dias fui vitima por parte dum cavalheiro que, tendo comigo apenas cerimoniosas relações, cerimoniosamente me disse, pondo-me classicamente a mão no ombro, paternal e conselheiro: «Porque não dá V. Ex.ª, na sua cronica uma grande... (não posso pôr aqui, por mal soante, o termo empregado) naquela... (idem, idem, nome mal soante e mal cheiroso) do Parlamento?»

Emudeci, como se sobre mim desabara uma das piramides do Egipto, um decreto do snr. Silva ou qualquer outro edificio social e passando a mão pela fronte e o pé ao cavalheiro em questão, resolvi vir para casa responder-lhe á pergunta inconveniente,

* * *

Pois saiba o cavalheiro que emquanto houver cavalheiros que se exprimem pela forma que V. Ex.ª empregou na sua interpelação, o Parlamento tem direito—cumpre, talvez, mesmo um dever - de funcionar ao som desarmonioso do choque dos destroços das carteiras e da Maria da Fonte, com letra da Esquerda Democratica ou de qualquer outro partido.

V. Ex.ª, ao dirigir-se a um jornalista, cuja intervenção pedia para a repressão dos vicios e abusos, fê-lo em termos que largamente justificam esses abusos e esses vicios. Uma nação de malcriados não pode ser representada por exemplares de civilidade e polidez, como não faz sentido que as colonias, povoadas de leitores pretos, sejam representadas por deputados brancos.

Medido a rigor o nosso nivel de educação e boas maneiras, ainda temos, talvez, de segui os nossos representantes no seio da soberania nacional de não estarem á altura da grosseria e da má criação indigena, de não representarem suficiente e malcriadamente um país em pue algumas obcenidades já ganharam fóros de expressão fumiliar, em que se gosa imenso com ensinar ás crianças gestos de vasiva zangada e palavras de carroceiro adulto, em que, finalmente, andar por cima dos calos alheios é um prazer, que se aprecia com requintada volúpia.

Já vê o cavalheiro que para dar... aquilo que o snr. queria... naquilo que o snr. diz do Parlamento era preciso que V. Ex.ª se servisse doutras palavras e que a todos nós, portuguêses, nos não faltasse autoridade para atirar a primeira pedra da censura, visto todos vivermos debaixo do mesmo telhado de vidro da grosseria e má criação.

Feliciano Santos

ECOS

Ainda as novelas

Escreve-nos uma senhora protestando contra o facto das escriptoras não terem sido premiadas no concurso das novelas. Apesar dos improprios ternos do missiva, tão incorrecta de conceito como de gramatica, dir-lhe-hemos que o assumpto foi resolvido por um jury, de que fez parte uma distincta escriptora de espirito critico bem imparcial, e alguns notaveis escriptores. E' possivel que se tenham enganado—mas menos concerteza do que a pessoa que nos escreveu.

Um certamen literario e artistico nas Belas Artes

A Sociedade Nacional de Belas Artes vai promover as festas dos Santos Populares de Lisboa, e fará um concurso de quadras. Teve a gentileza de nomear para o jury desse concurso a nossa critica literaria, e ilustre poetisa, a doutora D. Thereza Leitão de Barros, que esperamos aceitará esse encargo sempre espinhoso.

MANEIRA DE DIZER

—Onde vais a correr com tanta pressa?
—Corro a salvar uma pobre creança do assassino seu pae...
—Qual creança?
—A creança sou eu—o assassino é meu pae...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

ESTAS MENINAS DE AGORA...

TIVE hoje ocasião de me encontrar, numa casa amiga, com certa senhora que não via—eu sei lá!—ha dez anos. Tinha-a deixado quarentôna, com uma menina de quinze primavéras. Quando hoje esperava vê-la no gôso dum meio seculo bem passado, encontrei-a com vinte e oito estios, se tanto, isto é quasi com a edade da filha. Cortou o cabelo, frisou-o, pintou-lhe as brancas com um *henné* discréto, e puxou resolutamente a saia até ao joelho patenteando-nos um par de pernas, que ainda são de se lhes tirar o chapeu. Decotada, depilada, maquilhada com certo geito, perfumada um pouco irritantemente, digo-lhes, meus amados irmãos em Cristo, que, para quem não souber ou esquecer a edade daquéla senhora, ela é uma unidade de segunda linha bastante apreciavel.

A vida d'agora, as modas modernas, os institutos de beleza com os seus arsenaes de *crémes* e de unguentos, tiveram esta vantagem: a de recuar a velhice das mulheres. Antigamente, chegadas aos quarenta, arrumavam-se para o canto e diziam com um sorriso resignado: «Isto já não é para nós». Algumas que insistiam eram apodadas de velhas gaiteiras e ridiculas.

Mas hoje... Ha para todas cintas elasticas, chás de emagrecer, *fox-trotts*, massagens, *footing*, regimens alimentares, e, sobretudo, um desejo de viverem mais, de não se deixarem pôr na prateleira com facilidade...

E' talvez á sua insistencia em quererem conservar-se no serviço activo que devemos a precocidade das meninas solteiras. A maior parte destas pinta-se escandalosamente e fita os homens com uma bravura digna de registo. E' que, se elas não avançam, as mamãs e as tias não deixam ficar nada. Os rapazes de vinte a quarenta e cinco não têm razão de queixa; mas, para êles, a mulher perigosa já não é, como no tempo de Balzac, a mulher de trinta anos. E' a senhora de cincoenta. No género, ha cada bregeirinha!...

VINGANÇA

—Você devia ser um pouco mais delicado—Olhe que se não sabe o que o futuro nos reserva... Um dia virá em que você não seja mais do que um pobre freguez...

A BELA OTÉRO

Os que se queixam de Portugal não ser lembrado no estrangeiro tão a meúdo como merece deviam reunir a assembleia geral da sua associação de classe e propôr um voto de louvor a D. Carolina Otéro. Esta senhora vinha outr'ora, ha mais de vinte e cinco anos, em todas as tampas das caixas de fosforos. Impressionava por um vintem a minha imaginosa adolescencia. Intitulava-se bailarina e, nos intervalos do bailado, foi uma «cocotte» notavel do seu tempo. «La belle Otéro»! Hoje escreve as suas memórias que um jornal parisiense publica. Esta obra literária, cuja falta se não fazia sentir sobremaneira, apresenta para nós, portugueses, um certo interesse. A D. Carolina conta a sua vida desde creança e, segundo parece, coube a Portugal a honra de assistir aos seus primeiros desvarios amorosos e aos seus primeiros triunfos artisticos. A artista descreve-nos a multidão lisboêta tomando de assalto o teatro Avenida para juncar de flores o palco onde éla peneirava o seu corpo de andaluza. Varios senhores de Lisboa empenharam até á fralda da camisa para lhe serem agradaveis e, quando ela deixou a capital do Sul para se dirigir ao Porto, aí o caso até meteu tropa nas ruas. Claro está que a «bela Otéro» podia muito bem ter escolhido a Tcheco-Eslovaquia ou o Canadá para teatro das suas primeiras aventuras. Quiz ser amavel e colocou-as em Portugal. «Hay que dar-le las grácias»!

Daí, talvez a escolha pertença ao jornalista que escreveu as memórias por conta da velha hetaira. Quem sabe se não será o mesmo que enchia ha tempos quasi uma coluna de «magazine» com os ditos de espirito proferidos por D. Manuel de Bragança por ocasião da revolução de 5 de Outubro!

A SÂNHA DAS SÊNHAS

Desde que a policia esboçou uma intervenção discréta no negócio das senhas, este recrudesceu de actividade. As colunas de certos jornaes quasi não chegam para os anuncios das mil e uma emprêsas funcionando já ou inaugurando as suas transações.

Hoje meteram-me debaixo da porta um papel em que me oferecem um par de botas, a meu gosto na qualidade e feitio, por quaesquer miseros cinco escudos. Acho excelente a intenção; mas o que me surpreendeu no prospecto foi verificar que o par de botas me é proposto por uma «Empreza Literária Universal», sita na rua tal, numero tantos.

Tratar-se-á realmente de calçado para os pés—como dizia o outro—ou quererão impingir-nos por cinco escudos, não uma só das muitas «botas» que alguns dos meus confrades em literatura diáriamente cométem, mas um par? Sendo assim, acho caro...

O ESPIRITO DO VELHO GUITRY

Um actor sem merecimento fôra calorosamente recomendado a Luciano Guitry que o escriturára e lhe distribuira o encargo de trazer uma carta numa bandeja.

Tempos depois, a pessoa que havia recomendado o canastrão disse ao creador da «Griffe»:

—«Meu querido amigo, estou-lhe muito grato por ter empregado Fulano; mas ele não se mostra muito satisfeito. Sempre esperou que lhe confiassem um papel mais importante que o de trazer uma simples carta...

—«Descance, lhe respondeu Guitry. Na peça a seguir ha de trazer uma carta registada...

A NOSSA BOA AMIGA

Aquéla actriz «pauliteira» de que lhes falei—não é essa: é a outra—foi dar um passeio no qual esperava ser acompanhada por certo camarada que, á ultima hora, não compareceu.

A nossa boa amiga, em devida altura, extasiou-se perante uma suculenta fatia de paisagem. E exclamou:

—«Que lindo! Se F... aqui estivesse, que pêna que êle havia de ter de não ter vindo...

(O estilo é déla, claro)

ANDRÉ BRUN

ULTIMAS CANÇÕES—Versos de Branca de Gonta Colaço.

As mais «recentes» canções de Branca de Gonta—as «ultimas», até à data—acabam de ser reunidas em volume.

A ilustre poetisa está superior a qualquer vulgar encómio e bem ridículo seria apontar agora deficiências a quem pode orgulhar-se dum tão glorioso passado. A generosa senhora que tem acarinhado e protegido os passos incertos de tantos estreantes literários e que, dum doce e indolente sorriso, sempre chamou a si todos os pequeninos das letras, só merece a mais incondicional veneração da parte de todos os que abrem os olhos sôbre o mundo onde ela é astro.

Nas «Ultimas Canções», há versos que teem um encanto indefinivel e são como ecos serenos de grandes horas exaltadas; há neles a doçura dos poentes demorados, da hora em que o sol abre a sua alma a tôdas as almas. A primeira e a ultima poesia são todo um poema de resignação inteligente e de tocante amargura.

Obras primas de técnica, algumas outras poesias alusivas a acontecimentos festivos ou gloriosos, são mais um testemunho do profundo e ráríssimo conhecimento que a autora possui dos mais dificeis segrêdos do seu custoso «métier de poèsie», como diria Boileau.

O sceptro da realeza literária feminina, em Portugal, continua e continuará, por largos anos, nas mãos fidalgas de Branca de Gonta. Quando ela o quisesse depor em outras mãos, estou certa de que nenhumas o quereriam aceitar e que tôdas se ergueriam para a aplaudir com admiração e amor, como a uma grande artistista, a uma grande mestra, a uma grande amiga.

Tereza LEITÃO DE BARROS

COISAS DA VIDA

—Surdo e mudo? Mas hontem você era cego?
—Então que quere a senhora?—estava farto de receber notas falsas sem poder protestar!

Curiosidades

O PRIMEIRO AUTOMOVEL

Foi em Paris, em 1875, que apareceu o primeiro automóvel, inventado por Amadeu Bollé. O jornal «Le Figaro», referindo-se ao aparecimento do estranho veiculo, dizia:

«No sabado, ás duas horas, os transeuntes do Bois de Boulogne ficaram surpreendidos ao ver avançar um carro por si só. Era um veiculo que, impelido pelo vapor, sem ruido algum, caminhava com alguma velocidade, detinha-se de subito, girando á direita ou á esquerda, segundo a vontade de quem o conduzia, com segurança admiravel».

MODERNISMOS

Em Acton (Inglaterra) construiu-se recentemente uma rua que apresenta a particularidade de ter uma parte coberta de borracha, para facilitar o transito dos automoveis. As experiencias do novo pavimento deram o melhor resultado e os seus inventores, Misters Calders, teem sido muito felicitados.

Varios municipios vão adoptar a moda, visto estar provado que esta especie de pavimento oferece grandes vantagens para os veiculos e para os peões.

Outra nota de actualidade relacionada com a circulação nas ruas é a de ter o Concelho de Londres resolvido e posto em execução o projecto de colocar sob os pés dos guardas sinaleiros uma esteira de borracha, que os preserva da humidade. Tambem foi adoptado, para esses guardas, o uso de impermiaveis brancos, que fazem com que os guardas sejam visiveis de noite, a distancia conveniente.

AUTORES LENTOS

Ibsen é o autor dramatico que mais tempo levou a escrever as suas obras. Mesmo quando passava cinco horas, por dia, no seu gabinete de trabalho, levava mais de cinco meses a escrever um drama e não produzia mais de um por ano, visto que, em geral, escrevia e retocava três vezes cada uma das suas obras.

CRISE DE ENGRAXADORES

E' digno de nota o facto de existirem em Londres, antes da guerra, mais de mil engraxadores ambulantes e de, actualmente, não haver mais de quatrocentos, indo sempre a diminuir o numero de «artistas» da especialidade... E' possivel que tivesse sido uma classe bem contemplada na percentagem de mortos que a Inglaterra deixou nos campos da França.

JÁ É AREIA!

A municipalidade de Londres gasta, anualmente, qualquer cousa como trezentos contos em areia para deitar nas ruas, quando estas se encontram escorregadias e podem ocasionar a queda de cavalos e fazer com que os automoveis patinem para os lados.

A FEBRE DO NEGOCIO

HOJE tudo serve para fazer dinheiro. Até as grandes calamidades trazem a par de grandes males, grendes beneficios. A guerra foi para muitos uma explendida, uma otima e bemvinda calamidade.

Trouxe mesmo o habito de tirar dos grandes males, os grandes remedios para endireitar a vidinha de muito bôa gente.

E hoje todos os factos lamentaveis, tem o seu lado lucrativo.

Por exemplo: os 2 ultimos crimes de sensação, foram 2 minas para as emprezas jornalisticas.

Para outros uma grande fonte de reclame, perfeitamente gratuito e nas paginas de maior destaque.

E' tal o desejo de aproveitar a oportunidade de o fazer, que por fim, até a empreza proprietaria do carro onde se cometeu o ultimo crime de sensação, vem a publico declarar n'um gesto teatral, a deliberação de o destruir

—Mas porquê? Perguntava-me ha dias um ingenuo concidadão, que n'estes bizarros tempos, ainda tem por vezes a candidez extranha, de se admirar de certos factos

—Mas não vê o meu excelente e bom amigo, respondi sceptico, que é uma maneira habil de conseguir um reclame economico, pratico, original e dos mais produtivos, pois vai direito ao coração, todo sentimental, do grande publico dos ródapés folhetinescos, para quem um gesto tão simpatico e tão rocambolesco, comove decerto até á lagrima.

Bôa ideia! E' bem entendido sim sr.! Dirá na cama o leitor assiduo, ao devorar de manhã as ultimas novidades sobre o caso.

Lindo gesto! Dirão as donzelas matrimoniaveis e romanticas, perante um desfecho tão cinematografico, tão final d'acto.

E creia meu amigo que não foi outro o intuito d'aquela aparatosa resolução.

Na verdade, porque n'um comboio, ou n'um paquete se cometeu um crime, seja ele o mais repelente, o mais extraordinario, o mais inédito, ninguem se lembrará de destruir o primeiro ou de meter a pique o segundo, simplesmente por esse facto.

E ainda bem que assim é, porque de contrario seria uma calamidade, uma constante destruição. Seria pior que uma guerra permanente. Felizmente que tal não sucede.

Ninguem vai demolir um predio, só porque n'ele se cometeu um crime.

Tambem não é preciso, porque eles caem, mesmo sem ninguem os mandar.

Deve pois concordar, meu bom amigo, que nós somos em tudo exagerados.

Assim no interesse excessivo, febril, que tomamos por qualquer acontecimento e que chega ao extremo de atingir o ridiculo. E' o caso de se vender (e porque decerto ha quem a compre) a descrição do ultimo crime, em versos de pé quebrado, a trez tostões para acabar.

Como exagerados somos depois, no desinteresse e na indiferença absoluta, que imediatamente sucede a tais excessos.

Os nossos sentimentos saltam assim de extremo a extremo

E talvez por isso mesmo, talvez porque a nossa sensibilidade se ressente d'este extranho acrobatismo, os nossos sentimentos alem de excessivos, são por vezes disparatados.

Assim agora, perante um crime na verdade repugnante, deu-se este facto curioso:

Emquanto o criminoso conservava a mais completa, a mais inesperada serenidade, o publico perdia a cabeça.

E d'ai, a série de disparates, que na verdade se disseram e se fizeram e simplesmente revelaram a tremenda crise de bom senso que atravessamos.

O meu ingenuo interlocutor estava passado perante estas minhas inesperadas considerações.

Naturalmente foi d'aqueles que compraram todas as edições de todos os jornais, todas as publicações em prosa e verso, fez decerto investigações por sua conta, visitas ao local do crime e perdeu tambem alguns dias, á porta do Governo Civil e da Boa Hora, para ver passar o carro celular com o assassino.

Eu, porem, impiedoso ante a sua atitude, continuei;

Mas veja ainda o meu amigo, mais outro sintoma curioso, da crise que lhe aponto.

A principio todos tinham visto o assassino, todos o conheciam, e abonavam. Confessado o crime ninguem o viu, ninguem o conhece, ninguem o teve como colega, como consocio, ou como amigo. E verifica-se de desmentido em desmentido, de declaração em declaração, que o criminoso não era emprezario como toda a gente supunha, não pertencia ao grupo A., nem á coletividade B., nem á sociedade C., nem ao Gremio D. e parecendo emfim que não tinha profissão alguma, porque ninguem o quer ter como colega, chegamos quasi á conclusão de que afinal nunca existiu.

E que sabe se por sugestão e como já n'outros casos se tem dado, como se de facto nunca tivesse existido, nunca mais se lhe ponha a vista em cima.

E digo-lhe mais, insisti ainda implacavel, este excesso de publicidade das emprezas jornalisticas, alem de crear uma aura de sucesso aos criminosos, o que constitue um pernicioso incitamento, tem ainda um outro e maior, perigo futuro.

Perante este sucesso de tiragem (que é bem justo motivo para que as emprezas jornalisticas quasi cheguem a estar reconhecidas aos criminosos) não me admiro de ver sugir dentro em pouco uma nova especie ou um novo ramo de negocio.

Identicos facinoras, conhecedores do interesse enorme que tais acontecimentos despertam no publico das gazetas e sabedores portanto do farto lucro que do facto elas tiram, procuração, justamente auferir uma parte desses lucros e dos resultados duma obra, que, na verdade, só a eles se deve, porque só eles architetaram e puzeram em scena e da qual só eles sofrerão as consequencias.

Não tenho por isso duvida alguma de que hei-de assistir ainda a scenas como esta, que numa bem fundada previsão lhe passo a descrever:

O acusado tem negado o crime que todos lhe atribuem. Todos os factos, indicios e aparencias o condenam. Mas ele nega sempre, obstinadamente, indignadamente. A opinião publica está irritada. O misterio vai exacerbando a curiosidade febril da multidão. Ha já muitos agentes a investigar; uns oficialmente, outros por conta propria. Cada um tem uma pista. Ha por fim tantas pistas emaranhadas umas nas outras, que já nenhum deles se entende.

Os jornais trazem enormes relatos do crime, fazem conjecturas, tem cada um tambem a sua pista, e esgotam as tiragens apezar de muito aumentadas.

Passam oito, dez dias, e quando a curiosidade publica está no auge, o criminoso, pratico, oportunista, péde para falar aos representantes de todos os jornais e revistas existentes para lhes fazer a seguinte proposta.

«Meus senhores, eu sei que o publico está ancioso por saber quem foi o verdadeiro culpado. Ora quando o misterio se esclarecer, os jornais que V. Ex.as representam, publicarão edições especiais, enormes tiragens, e folhas soltas com as noticias sensacionais da ultima hora, pelo preço do jornal inteiro; e tudo se esgotará, tudo se venderá; será emfim um grande negocio.

Ora todo esse negocio pode depender de mim.

E eu estou disposto a desvendar o misterio, a esclarecer tudo, a fazer revelações que ponham tudo isto a claro. Ponho, porem, naturalmente as minhas condições.

Os senhores declaram qual a tiragem normal de cada um; eu calculo qual o aumento que essa tiragem pode ter neste caso, o lucro que desse aumento resultará e posso portanto estabelecer quanto cada um póde pagar. Se recusam, calo-me.

CONTINUA NA PAGINA 9

AVES DE POUCO ALIMENTO

A aguia pode viver vinte e oito dias sem provar qualquer alimento, e o condor pode resistir mês e meio, ao mesmo regimen de jejum absoluto.

GENTE PRÁTICA

Há muito quem não hesite na escolha dos meios para chegar aos fins. Estão nêsse caso os individuos que aproveitam as lápides dos cemiterios para fazer publicidade. Num cemiterio norte-americano, havia, há anos, uma lápide onde se lia: «Aqui jaz John Emerson, o melhor chapeleiro do Estado de Ohio. Os seus herdeiros continuam á frente da fábrica».

Esta invenção deu tanto que falar que foi mandada retirar pelas autoridades. Uma casa canadiense ultrapassou, contudo, semelhante semcerimonia. Ao morrer o director da empreza, colocaram-lhe sôbre a sepultura uma magnifica lápide com a seguinte inscrição. «Aqui jaz Abraham Stokes, fundador da casa Stokes & C.a, que já há tantos anos prepara frutas e legumes de conserva. As conservas desta fabrica são as melhores do mundo e não teem rival. Provem-nas, que logo se convencem».

FALTA DE IMAGINAÇÃO

E' curiosa a quantidade de cidades norte-americanas que teem nomes de cidades europêas. Vinte e três chamam-se Paris; trinta e duas, São Petersburgo; onze, Londres; vinte e sete, Francfort; vinte e seis, Hanover; uma, Toledo; sete, Hamburgo; uma, Madrid; onze, Dresde; oito, Bremen; cincoenta e quatro, Roma; oito, Versailles.

UM CÁLCULO MACABRO

Calcula-se que foram mais de 200.000 as pessoas que ficaram enterradas debaixo das montanhas que se desmoronaram durante o terremoto que houve em 1921, na provincia de Kansa, na China.

ROMA CONQUISTADA

Roma é, de tôdas as cidades europêas, a que mais vezes caiu em poder dos seus inimigos. Foi tomada e saqueada mais de quarenta vezes, desde o ano 390 a. C.

SERÁ FORÇA DE EXPRESSÃO...

Diz um filósofo francês que se não vivemos mais de cem anos é porque se crê que é êsse o limite da vida humana. Se todos nós perdessemos essa idéa, viveriamos muitos anos, pelo menos um século e meio.

AMERICANICES...

O éxito que obteve, no Empire Theatre de New-York a grande «estrela» espanhola Raquel Meller foi de tal ordem que se pagaram lugares de platea a 25 dólars, ou seja, quatrocentos e cincoenta mil reis, aproximadamente.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

Ilda Stichini—Alexande de Azevedo

Ilda Stichini

A grande actriz Ilda Stichini—a mais radiante mocidade, a mais expontânea frescura da scena portuguesa, hoje, decerto, uma das actrizes que mais publico conta na provincia e em Lisboa, e cuja carreira é uma ascendente estrada de gloria, acaba de organisar a sua companhia, com Alexandre de Azevedo o brilhantissimo artista, Raul de Carvalho, o nosso primeiro e talvez unico «jeune-premier», e outros elementos de valor marcante. Não é um reclame banal o que aqui traçamos. A Provincia, farta de «mambembos» que lhe levam peças truncadas e reportorios sediços, ha de acolher como merece, este grande agrupamento de Arte.

Far-se-ha a «reprise», nesta «tournée», da «Minha mulher noiva de outro», do «Centenario», «Se eu quizesse», «30 H. P.», «O Segredo de Polichinelo», etc, alem de peças novas, de teatro nacional e estrangeiro.

Não será preciso ser muito profeta —para anunciar desde já o sucesso que hade coroar esta nova empresa.

palestras de café...

Falêmos um pouco da critica

—NÃO sei se leu nos jornaes que os criticos portuguêses, organisados em sindicato (?) afiliado ao dos Trabalhadores de Imprensa (??), delegaram ao Congresso de Paris um dos seus membros, aquêle que, segundo já li numa gazeta, tem tanto espirito como Sacha Guitry (!!!). Que irá lá fazer o nosso homem?

—O que se costuma fazer nos congressos: ouvir alguns discursos, almoçar, realisar excursões e ir ao teatro de graça. Mas, deixe-me desde já dizer-lho, se tenciona dizer mal dos criticos, não estou decidido a segui-lo nesse caminho. Os criticos, eu admiro-os...

—Todos?

—Sim. Uns pelo que escrevem, os outros pela sua audácia de escrever. Mas admiro-os tambem, e principalmente, pela missão de sacrificio que exercem, para a qual, em geral, ninguem os convidou e, antes, êles solicitaram com empênho.

—A critica é uma missão de sacrificio?

—Poderá haver maior que, na quasi totalidade dos casos, pensar uma cousa e ter de escrever o contrário? Olhe que ouvir todas as peças que se representam já deve ser um pequenino martírio. Mas, depois de as ouvir e as ter julgado em consciencia, ser forçado a escrever acerca délas, calculo que não ha mais «triste horror».

—Pois quê? E' horrivel dizer a verdade?

—Ah! meu bom amigo! A verdade em teátro ráras vêses se pode dizer.

—Porquê? Santo Deus!

—Porque somos todos dependentes, conhecidos ou amigos uns dos outros, porque a critica e a publicidade andam em demasia baralhadas no tempo corrente, porque ha verdades talvez necessarias, mas excessivamente crueis, porque, no fundo, os criticos não crêm na absoluta eficácia das suas palavras, desorientados a meúdo pelo exito de peças que julgaram mal e pelo insucesso doutras que levantaram ás nuvens, etc, etc. Mas, meu querido amigo, se os criticos escrevessem só metade do que dizem nos corredôres, ardia uma Troia cada semana.

—Mas, de quando em quando, tenho lido certas linhas amargas.

—Isso, bem visto, são pequenas questões pessoaes e felizmente ráras. Algumas até são engraçadas. Ha anos, certo actor—aquêle a quem puz a alcunha de «Procurador geral das corôas»—pediu quinze tostões emprestados a um critico. Não lh'os pagou, segundo os principios da sua religião. O critico não os pediu; mas passou a não escrever, nem para bem, nem para mal, o nome do caloteiro. Este entrava em várias peças, nalgumas tinha papel que se visse e, nas criticas, todos os actores eram citados excepto êle. Durou largos mêses esta brincadeira, até que alguem, bem informado, aconselhou ao actor que restituisse os quinze tostões ao critico. Este recebeu-os com as devidas explicações e, na peça seguinte, recomeçou as suas referencias ao devedôr. Quando vir alguma linha mais amarga, fique certo de que, no fundo, ha qualquer questão pessoal não chegando a valer quinze tostões. Mas é raro, como lhe disse. Em geral, o teatro é uma pacata provincia daquela «Republique des camarades» de que Robert de Jouvenel foi o cronista irónico.

—Não ha, então, criticos que conservem a sua independencia de espirito?

—Em absoluto, não me lembro agora de nenhum. Os melhores, os mais inteligentes, deixam-se a meúdo subornar pelo mais legitimo dos interesses: a amisade. Seria quasi revoltante cessurá-los; mas constatemos o facto. Dois pequenos exemplos, ambos recentes. A propósito duma actriz, que foi gentilmente incorporar-se na figuração da festa de seu marido, um critico, aliás o mais sisudo de todos, escreveu:—«Não tivemos o prazer de ouvi-la; mas tivemos, ao mênos, a alegria de vê-la!». Trata-se, evidentemente, da afirmação duma amisade pessoal, muito respeitavel, mas que nos põe de pé atraz, se não contra a sinceridade, pelo mênos contra a serenidade do critico, quando haja de julgar aquéla artista. Por ocasião do mesmo espectaculo e tendo de referir se a um dramaturgo, o qual tentava a experiencia de representar, outro critico, o mais impetuoso, declarava que o estreante já não tinha nada que aprender e comparava-o desde logo a Pitoeff. Devo dizer—entre parentesis que, se o célebre artista russo é admiravel como enscenador e «animador» de espectaculos, como actor é duma monotonia que chega a bolir com os nervos. Ora, quando a amisade céga a este ponto, como quer esperar verdade da Critica num paiz em que todos somos, mais ou mênos, amigos?

—Então de quem devem esperá-la os que trabalham no teatro?

—Do publico e da posteridade, que é tambem um publico, mas que não nasceu ainda.

A. B.

cá por dentro

O nosso camarada de imprensa, sr. dr. Oliveira Guimarães, de colaboração com Matos Sequeira (filho), fez uma revista para o Salão Foz, sob o titulo «Foz-Magazine». A leitura, que foi feita ao emprezario Emauz, e aos ensaiadores Pedro Bandeira e José Climaco produziu a melhor impressão. A revista entra em ensaios na proxima semana.

—Não é ainda certo que o emprezario Robles Monteiro tenha contractado o actor Guilherme Caupers—o qual fará talvez uma grande «tournée» de variedades.

—Está quasi assente a formrção duma companhia de «vaudeville» para o Gymnasio, no verão, tendo como primeiras figuras Carlos Santos e Auzenda de Oliveira, entrando na declamação o comico Vasco Sant'Ana.

—Tem perdido bastante no Brazil a companhia Maria Matos-Nascimento Fernandes—que estreiou com a «Massaroca».

—A actriz Laura Costa agradou muito no Rio, tendo obtido criticas muito favoraveis, e tendo havido duas scenas de pugilato por causa dum artigo que lhe foi contrario.

—Apesar do sucesso do Homem das 5 horas—no Trindade ensaiam-se activamente duas peças novas.

—Chaby Pinheiro fará no Politeama, depois da «reprise» do «Leão da Estrela», a adaptação duma farça espanhola, por João Bastos e Ernesto Rodrigues.

—Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo tem espectaculos vendidos para vinte localidades, no norte, e para dez no Sul.

—Alvaro de Andrade que traduziu «La grand-duchesse e Le garçon D'étage», vae adapta-los a um vaudevile musicado.

RIBEIRO LOPES ACTOR MODERNO E CORRETISSIMO DO NACIONAL.

(Desenho inédito de Botelho).

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Roma gamle».

Gymnasio — O «Az» com Palmira Bastos, Oil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Sessões cinematograficas

Nacional — Grande exito da peça «A Dança da meia noite», de Mére, tradução de José Sarmento.

Trindade — A grande companhia Lucilia Simões-Erico Braga. O homem das 5 horas.

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «Os milhões do Criminoso».

J. Almeida — A aplaudida revista «Fox-Trot».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A dama do "bal-de-têtes,,

Admiravel novela de movimento, côr e interesse, onde se descreve uma grande festa num conhecido Palacio nobre de Lisboa

LEIA ESTA NOVELA: GOSTARÁ

ELA tinha o unico nome que nem por repetido, banal e plebeu, deixou de ter a mesma linda musica: Maria.

Aquele canto do 3.º andar, voltado á encosta da Sé, sobre o rio, floriado agora na primavera com as campainhas muito azues da trepadeira do caixote—era o seu buraco. Ali, na pequena saleta do sobrado, esburacado mas limpo, se mexia todo o santo dia a sua radiosa e fulgurante mocidade, os seus braços roliços, fortes, morenos, quentes, onde a luz punha pinceladas de oiro fulvo na penugem ruiva e aveludada.

Era modista—ou antes «costureira de obra pron'ta», como ela dizia, para se distinguir das colegas que não passavam dos pontareus vulgares e dos alinhaves da maquina. Trabalhava para uma «couturière» franceza, das que se pagam bem, daquelas que impingem as grandes «toilettes» que ela improvisava no seu 3.º andar do Largo da Sé como vindas de França,—com o rotulo caro da Rue de La Paix.

* * *

Nessa tarde, Maria trabalhára imenso. Afogueavam-lhe o rosto duas rosetas vermelhas e inchadas do trabalho, e os seus dedos mimosos passavam velozes sobre o veludo de seda daquele vestido rico em «drapées» sumptuosas, que iria cobrir á noite, com o traje duma veneziana da Renascença, a misteriosa freguesa de madame M, naquele «bal-de-têtes», do velho palacio dos marquezes de C. M., tão perto ali de casa, a S. Lourenço.

E, as suas mãos de artista pregavam as ultimas perolas sobre o veludo ver-

... vendo-se no velho espelho...

de, emquanto nos seus olhos cançados passava a nuvem duma tristeza...

¿Porque, jamais o seu corpo belo se não envolveria nesses tecidos caros? Porque o seu lindo seio, tão forte, tão rijo, se esconderia sempre nos modestos corpetes de requife barato, e não brilharia nunca sob os decotes maravilhosos que todos os dias lhe passavam pelas mãos?

E, teve um sorriso de tentação. Vestiu, em cima da saia de riscado, aquela «toilette» de princeza—e, num momento, contra a luz dourada da janela, no aposento pobre, dir-se-hia uma aparição de fadas. A sua graça explendeu. Todas as linhas do seu corpo, sob as macias pregas do veludo, tinham a magestade fina das Tanagras. Olhou muito o espelho velho onde a sua imagem lhe aparecia esfumada, alem da penumbra do aço comido do tempo. Então duas lagrimas silenciosas tremeram nos seus grandes olhos violetas...

* * *

Dobrou á pressa o vestido. Logo á sahida esbarrou com o José.

—Oh Maria, ainda agora sáis?

—Vou num instante á modista... Levo aqui um vestido que ainda tem que ir antes da noite para uma freguesa. Tu vens logo?

—Venho... mas só tarde, disse o rapaz, embrulhando-se na sua peliça rica de «chauffeur».

Tenho que levar os patrões ao tal baile de mascaras aqui a S. Cristovam. Depois deixo o carro e ainda te venho falar... Preciso tanto de estar comtigo, Maria!

—Maluco...

—Vens á escada?

—E a mãe...

—Ora, está a dormir...

—Vem. E' só um beijo, Maria!

—Sabes? Se calhar este vestido é para o mesmo baile. E' uma mascara; se visses como é lindo...

—Até logo...

* * *

—Sim, sou eu, a costureira de madame M. A madame mandou-me a mim mesmo com o vestido, porque teve medo que a Sr.ª já estivesse á espera... disse Maria, ao creado grave que lhe veio abrir a porta. Mas o creado, com os olhos no chão, disse baixo:

—Vem a tempo...

Morreu esta tarde o senhor... Olhe... é preferivel leva-lo para não afligir mais a senhora. O patrão fazia tanto gosto em ir a essa festa...

* * *

—O quê, tu já de volta?

—E tu?

—Os patrões afinal não foram, Maria. Podemos estar um bocado juntos. Tenho ali o automovel. Se a tua mãe quizesse podiamos até dar uma volta.

... até logo...

—Estás doido. A mãe já está deitada. Sabe o que trago aqui? O vestido. Afinal a tal freguesa tambem não foi. Morreu-lhe o marido...

* * *

—Maria! Eu tenho um dominó. Temos aqui os bilhetes, que já o mordomo me tinha dado para entregar á porta... Tu tens ahi um vestido! Vamos ao baile! Com duas mascaras ninguem nos conhece. Vamos de automovel, ninguem desconfiará de nós, e podemos «cocar» a noite toda como é aquilo lá «á fina».

—Valeu, Maria?

—Valeu, José!

* * *

Sob as luzes do Salão Imperio, coadas pelos «abat-jours» de seda amarela, Maria fazia sensação. Havia sorrisos de mulheres extranhamente cravados no seu colo fresco, e alguns homens olhavam languidamente, lentamente, a nobreza das suas linhas...

De longe, no seu dominó negro, José espiava-a, e estremecia ao ver esses

... fujamos d'este horror!

olhares de pecado que envolviam a graça fresca da sua Maria.

Uma mulher coleante, os cabelos rapados na nuca, ruiva, com um «loup» negro a destacar na pele sardenta, ofereceu-lhe cigarros. Maria recusou-os.

A mulher estendeu então uma boceta de prata, e disse: Toma? A rapariga encolheu os ombros. Era cocaina... A mulher, enervada, afastou-se...

Por seu lado, alguns rapazes debeis, de olhos pintados, prescutavam aquele enigmatico dominó negro, onde se escondia o arcaboiço vigoroso de José. Quem seria? E ouve risinhos agudos e um fuzilar de monóculos para as suas botas fóra de moda.

Uma escriptora—que passava por espirituosa e tinha a face macilenta da morfina, e os cabelos brancos cortados á «garçonne»—olhou-o longo tempo, e depois, reparando nos pés disse-lhe: Você é deputado? Todos se riram. —Oh! C. você está terrivel! disseram os rapazes na sua voz aflautada.

José escaldáva sob o veludo da mascarilha. Deu alguns passos deselegantes, e dum repelão arrancou Maria dum grupo que a cercára cobrindo-a de «confetti».

Na escada desabafaram.

—José, que indecentes!

—Maria, que porcas!

Antes no baile lá da «Sociedade». Ao menos ali cada «um» tem «uma», e a gente entende-se... Ao passo que aqui, ha uma grande «confusão», Deus me perdõe!—José...

O Reporter Misterio

NO PROXIMO NUMERO

As vitimas do ultimo figurino

NOVELA COMICA DE

AUGUSTO CUNHA

O DOMINGO Ilustrado

UMA PAGINA DE ARQUEOLOGIA PITORESCA

Os nomes das ruas

Curiosissima pagina do mais pitoresco sabor, onde se evoca, com graça e com interesse um pedaço do nosso passado. Lê-la é saborear uma deliciosa conversa.

LÁ se vão mais dois, dois dos antigos. As recordações abrem, dia a dia, com os terremotos municipais. Agora as vítimas são as travessas da «Légua da Póvoa» e a do «Alto de S. Francisco», acantoadas, quasi escondidas, naquele quieto bairro das Amoreiras. Juntaram-nas para o sacrifício e vão passar a chamar-se, enfiando-se uma na outra, a «rua de João Penha».

A «Légua da Póvoa», de encolhida que deve estar, não chega a esta hora a ter cincoenta metros.

O pitoresco das ruas perde-se a cada momento. A fisionomia cidadã, o

caracter e o espírito populares, a poesia evocadora do meio, tudo o que se refletia nesta simples coisa—o nome da rua—é deitado ao lixo como pormenor inutil. Os velhos nomes que falam a imaginação, que são preciosos elementos de reconstituições, scenas mortas, quadros apagados, histórias esquecidas, vão-se todos na fúria das homenagens sediças e barateadas. E' pena. Antigamente não era a Câmara quem baptisava as ruas, era o inconsciente bom senso do povo. Qualquer feição particular do local sugeria um nome. O seu traçado irregular, o seu declive, a sua largura, uma arvore debruçada num muro, um poial saliente, a côr de uma varanda, um edifício notavel, um morador de cotação, eram o bastante.

Secava a arvore, ruia o poial, descobria-se a varanda, morria o morador e o nome mudava, mas havia sempre razão para a mudança. Foi assim até o terremoto. Depois de 1755, com o aforamento das cêrcas conventuais e com as obras de reconstrução pombalina, vieram duas pragas: a dos nomes dos santos e a dos mesteres. Um terço de Lisboa foi consagrado ao «Flos Sanctorum». Ha até casos frisantes. Os frades de S. Bento (Côrtes) puzeram às ruas talhadas na sua cêrca os nomes dos santos da Ordem a que se dedicavam as capelas da sua igreja: Santa Iria, São Bernardo, Santa Quitéria, Santo Ildefonso, Santa Escolástica, Santa Gertrudes, Santo Amaro e São Plácido! Toda a santidade beneditina em peso!

Depois, com o seculo XIX, vieram as simplificações denominativas, e começaram os «Comendadores» os «Viscondes» e os «Conselheiros». Era outra especie de culto: o dos «Manipansos». Com o advento da República iniciou-se a série das datas memoraveis, dos episódios políticos e das prerogativas populares, e as ruas passaram a chamar-se: da «Leva da Morte», do «Registo Civil», da «Voz do Operário», do «5 de Outubro», do «20 de Abril» e do «1.º de Maio», sem comtudo se enjeitar á pecha do feiticismo político, distribuíndo-se aos arruamentos, com generosidade barateada, varios nomes de ilustres desconhecidos.

A poesia dos nomes das ruas perde-se assim: «Cardais», «Ferragiais», «Vales», «Montes», «Covas» e «Lapas», que sugeriam vetustos quadros campesinos, a par das Parreiras, Figueiras, Loireiros e Oliveiras que recordavam o arrabalde conquistado pelo casario da cidade, tem desaparecido aos poucos. Tudo vai tendendo para a despoetizada enumeração das ruas—rua 26, avenida 14, travessa 18—aliás preferivel aos nomes incaracteristicos de ignorados cidadãos que tanto podem referir-se a um beco em Alcântara como a uma travessa em Xabregas.

Das designações dos séculos de quatrocentos e de quinhentos já poucos especimes se encontram. E havia-os de um pitoresco excepcional. A èpopeia marítima recordava-se no bêco do «Gaspar das Naus», no «Canal de Flan-

dres», nos «Remolares», no beco «do Goleta», no boqueirão «da Galé» e no cais «das Galeotas»; vestigios moiriscos evocadores de albornozes e de cimitarras, adivinham-se no «chão de Alcamim», nas ruas do «Alfungera» e do «Almargem», no «Borratem» (que quere dizer «Fonte da Figueira»), em Alcântara (que significa «a ponte») e em Alfama; os oficios e mesteres são documentados na «Fancaria», «Tanoaria»,

«Sombreiraria», «Calçado Velho», «Correaria», «Pichelaria», «Tinturaria» e nos arruamentos chamados dos Carapuceiros, dos Cabriteiros, dos Agulheiros, dos Surradores, dos Chamiqueiros, dos Obreiros e dos Latoeiros que se espalhavam na baixa do século XVI.

As «Fangas da Farinha», o beco «da Estopa», o «Lagar do Cebo», o páteo «da Cerveja», os becos «do Mel» e «do Vidro», a «Horta da Cera», e a «Praça da Palha» evocam o comércio e a indústria caseira e popular. Para contrapôr á «Triste-Feia», que apareceu como o «Fala-Só», no princípio do século XIX, tivemos a travessa da «Lindeza», junta á rua Suja, o bêco da «Formosa», a S. Miguel, o da «Formosinha», a S. Nicolau, e a celebre rua do «Boy Formoso». As alcunhas deram largo contingente. Alcunha é «cataquefarás» que tambem denominou uma rua eborense no século XV, e alcunhas são o «Quelhas», o «Rilhafoles», o «Merca-tudo», o «Tem-Tem», o «Esfolabodes», o «Longo», o «Cascão», o «Rato», o «Pé de Ferro», o «Chiado», e o «Mil Patacas», uns já desaparecidos e outros ainda vivendo nos cunhais.

A qualidade dos pavimentos gerou a travessa dos «Jaspes», e as calçadas do «Tejolo» e dos «Tejolos Lages». A rua das «Mudas», o «Jogo da Pela», o beco do «Monturo» e a «Corredoura», os «Cobertos», e o «Cunhal das Bolas» o páteo «das Arcas» e a rua «dos Ferreiros» fazem-nos rememorar aspectos e quadros de costumes, irremediavelmente perdidos.

Ha tambem denominações obonóxias e realisas: a rua do «Quebra-cus» e o «Terreiro do Cú de Cão», a travessa do «Esquentamento» e o beco «dos Enprenhadores». Por outro lado a baixa vida mundâna refletia-se nas ruas «da Estagem das Moças» e «da Mancebia», na travessa «da Barregoa» e no beco «das Moças». Aparecem tambem designações poéticas para equilibrar a rudeza destas, a «Torre das Pombas», o «Arco dos Passarinhos»; sinonimias zoológicas como a rua «do Pato», os beco «da Mosca» e do Perú» e as travessas «dos Gatos» e dos «Galos»; mas os mais curiosos são os nomes que entram no domínio do mistério, os incompreensiveis e os extravagantes. E' o «Espera-me Rapaz» beco escuso à Madalena, é a rua do «Pau Travesso», a do «Calca Frades», a do «Pai de seus filhos», a do «Escanchalha perna», a do «Deixa-Estar» a «do «Curangejo», a «do Selvagem», a «do Chancudo», e os becos «do Copini», «do Cura olhos», «da Bofetada», «do Penaboquel», «do Ligeiro», e «do Fava», Que série de evocações a despertar! Como são pitorescos êsses últimos ecos dos séculos distantes, repercutindo-se ainda na memória das ruas!

Um «São Francisco», um «Santo António», já nos dizem menos, quasi não interessam; mas todos êles refletem a sua época, representando um estado de espirito, definindo uma orientação.

Vale a pena conserva-los. A's ruas novas dêem-se nomes novos. Saciem aí a voracidade da glorificação; deixem ás ruas velhas os nomes velhos. Dizendo eu, aqui ha tempo, este meu parecer a um inovador entusiasta, redarguiu-me deste teôr:

—Lérias, meu amigo! P'ra que diabo

serve isso! O Passado, passou. O que nos compete agora, é modernizar, are-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA N.º 8

VARIA

CAMPO PEQUENO

A corrida de domingo, dava margem a uma critica extensa que não posso fazer devido á escassez de espaço, restringindo-se ao laconismo, o que lamento bastante.

Desde as cortezias pobremente executadas, até ao lançamento de almofadas para a arena no final da corrida, houve muita coisa «má e bôa» que daria assunto para uma pagina de «O Domingo ilustrado», que a força das circunstancias me obriga a reduzir ao minimo.

Como as «cousas más» tivessem sido em numero superior ás «cousas boas», vou apenas dizer quaes foram estas.

As «cousas boas», foram as seguintes: O soberbo trabalho do bandarilheiro, ou antes, do toureiro Custodio Domingos, a quem couberam as honras da tarde, num excelente par «cambiado», e mais dois tambem notaveis, sendo magistral com o capote e com a «muleta», revelando tanto como o melhor dos «matadores». Agostinho Coelho, muito aplaudido na sua constante oportunidade em «quites», e com as bandarilhas, colocou entre outros, dois soberbos pares com uma acertadissima medição de terrenos e muita valentia; Alfredo dos Santos, um tanto apatico durante a lide dos seus touros, todavia foi justamente aplaudido; Antonio Carvalho, teve um par de grande mestre seguido de outros muito bons; «Angelilo, sempre incansavel com o capote, cravou um belo par que passou despercebido a muita gente; e do trabalho dos cavaleiros, houve «pau e bola», de mistura com alguma ferragem bem colocada.

Os forcados, visitaram por tres vezes a enfermaria, sendo delirantemente ovacionado o sr. Edmundo de Oliveira, numa pega rijissima.

Houve mais o concurso de ganaderias, cabendo o 1.º premio ao sr. João Coimbra, que apresentou o touro de maior bravura, e os 2.º e 3.º premios, respectivamente, aos srs. Norberto Pedroso e Francisco da Silva Vitorino.

Não posso deixar de dizer que o 1.º touro, de Emilio Infante Camara, era um lindo exemplar, e respeitante a bravura, não foi dos peores. Tenho dito...

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para — Alternativa de D. Ruy da Camara.
2.º touro para — Bandarilheiros.
3.º » » —José Casimiro.
4.º » » —Espada «Saleri.

INTERVALO

5.º touro para—José Casimiro.
6.º » » —Bandarilheiros.
7.º » » —D. Ruy da Camara.
8.º » » —Bandarilheiros.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

DAMAS

solução do problema n.º 67

	Brancas	Pretas
1	22-25	30-21
2	7-11	14-7
3	11-16	21-14
4	27-31 D (a)	19-12
5	31-20-2-9-18-4	
	Ganha	

(a)

	Brancas	Pretas
4	27-32	19-12
	32-18-9-2-11-4	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 68

Pretas 4 D e 4 p.

Brancas 1 D e 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 66 os srs.: Alfredo Costa (Barreiro), Augusto Teixeira Marques, Chaveta, D. Emilia de Sousa Ferreira, Espectrux, Neulame; R. Serradura, Ruy Freiria e um oficial.

O autor do problema hoje publicado foi, como por muitos é sabido, Alexandre Herculano.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

OS NOMES DAS RUAS

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

jar, abrir as janelas. Não diz você que os nomes das ruas são um reflexo da época? Pois a nossa época é assim.

O que eu lhe respondi, mentalmente, não o digo ao leitor, salvo «se a escritura tivesse tons como tem a prática». no dizer de D. Francisco Manuel.

Se assim fosse escreve-lo-hia baixinho.

MATOS SEQUEIRA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 3 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

9 MAIO 1926

QUADRO DE HONRA

P. J. M., BIS-CONDES, D. SIMPATICO, (T. E.), D. K. K. TRO

DECIFRAÇÕES DO N.º 65

Macaria, cordura, porquê, zagalote, póla, fastio, maretina, papalina.

CHARADAS EM VERSO

(A' «Xôzinha»)

1) *M*enina de *garbo* exótico,—1
*E*legante e tão simpatica,
*N*ão tenha génio nevrótico,
*I*sso torna-a mais apática!
*N*o seu *sustento* estrambótico,—1
*A*s rimas «otico» e «ática»,
*X*ô dum génio patriótico!
O arpéu está na gramática!

Lisboa — CAMARÃO e LORD DÁ NOZES (da T. E.)

[Ao «Dr. Fantasma», com os meus cumprimentos]

2) Um homem que eu vi chorar,
Contou-me a seguinte historia,
Que conservo de memoria
E que passo a relatar:

—«Namoro uma menina,
Do Algarve natural,
Branca e linda, por meu mal,
Pois que a vida me amofina.

Um dia, a surpreendi
Com um primo a namorar!
Estanco no caminhar—2
E, logo, retrocedi.

Finalmente, ao outro dia, —1
Ao avista-la, me disse:
—«Aquilo foi *tágarelice*,
E' filho de minha tia!...»

Lisboa — AVIEIRA

LOGOGRIFO

(Agradecendo e retribuindo a «Ordisi» a sua «zagalote»)

3) Vivendo *desenganado*—1—5—3—7
E sofrendo tanta dôr,
Num misterio, acorrentado,
Vive o cura Salvador.
A' vida não dá *apreço*—4—2—3—7
Nem, da morte, caso faz
E, sem perguntar o preço,
Com o mal de alguem se compraz.
No seu mirrado *semblante*—6—5—3—7
Esbranquecido e sem côr,
A's vezes, num breve instante,
Inda ha indicios de amôr...
E diz, num tétrico *termo*—2—1—6—7
Com voz sumida, tristonho:
—«Vivo e morro neste ermo
Porque a vida é um sonho
E a Morte um canto *risonho*...

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

4) A *orelha* de porco, meus *irmãos*, é o grande petisco dos *turcos*!—2—2

Lisboa — KURITSA

5) Que *aperaltado*! «*Cruzes*», canhôto! Até dá ocasião a um *equivoco*!—2—2

Lisboa — D. K. K. TRO

[A «Ordisi», retribuindo a sua «Pola»]

6) Fui *duas vezes* ao *jogo*, para encontrar o *cépo*!—1—2

Lisboa — LORD DÁ NOZES

7) Não tem *socego*, em todo o *dia*, o *forasteiro*—2—2

Lisboa — ORDIGUES

8) Comi um pedaço de *carne ruim* e nasceu-me um *tumor carnoso*.—2—1

Lisboa — CAMARÃO (do G. E. L.)

CORREIO

D. K. K. TRO. — Como vê, foi atendido. Sempre ás ordens.

KURITSA.—Desculpe-me, por favor. Quando soube quem era já era; tarde, estava composta e revista a secção. Espero que continuará a honrar-me com a sua valiosa cooperação que muito agradecerei.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

DR. FANTASMA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 68

Por E. Kubbel
Pretas (9)

(Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 66

1 — T 6 R

ERRATA.—Suprimir o periodo em seguida á solução (que foi repetido do numero anterior) do n.º 65).

Resolveram os srs. Vicente Mendonça, Grupo Albicastrense, Marques de Barros, Nunes Cardoso, Serpa da Silveira, e Club Portuense (Porto).

No grupo de xadrez do Club Gremio Lisbonense está-se realisando um torneio que reuniu numerosos concorrentes. Figuram entre os inscritos os srs. Nuno Bilhão Pato, Martinho da Rocha, A. Silva, major Vegas, etc. As sessões são diarias sendo o torneio disputado pelo sistema de series eliminatorias.

Varia

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, MARIO FREIRIA, GENITO, FIAT LUX, ILDA LIMA, CAMPOS BASTOS

DECIFRAÇÕES DO N.º 67

HORISONTAIS.—1—neto, 4—bica, 8—ora, 9—ser, 10—rã, 11—Porto, 13—ut, 16—alameda, 19—LV, 20—sal, 21—bi, 23—lias, 25—évia, 28—rua, 29—non, 31—arreata, 32—Zé, 34—ao 35—el, 36—Ourêm, 40—NB., 41—tia, 43—til, 44—lão, 45—ar, 46—ul!, 47—sardinhas.

VERTICAIS.—1—Norma, 2—era, 3—tal, 5—ia, 6—ceu, 7—Artur, 12—Roma, 14—Tavira, 15—Elena, 17—assar, 18—Sabina, 19—LL, 22—ia, 24—aureo, 26—votam, 27—Bizet, 30—probo, 33—Elias, 34—anais, 37—ut, 38—ri, 39—el, 42—ara, 44—Tua.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador, Mario Freiria.

HORISONTAIS.—2—furia, 5—artigo indefinido, 12—socego, 13—«àquele», 15—letra grega, 20—aponta, 21—nome de homem, 22—passaro, 23—perfixo, 24—tunica usada pelos padres, 25—espaço de 3 a 5 pés que existe entre o fosso e a muralha dum castelo, 26—masque, 27—fortaleza, 28—fileira, 29—aqui, 30—circulo, 31—deus do sol no Egito, 32—duas vogais eguais, 33—sufixo à rabe.

VERTICAIS.—1—anel, 2—preposição latina, 3—satelite da Terra, 4—suave, 5—fruto, 6—preposição inglesa, 7—caminha! (invert.), 8—no corpo humano, 9—pedra de altar, 10—caminhava, 11—nome de uma das batalhas da Guerra Peninsular, 12—utensilio domestico, 13—orla do chapeu, 14—duas vogais, 15—ferramenta de padeiro, 16—pronome pessoal, em francês (plural), 17—nota de musica (invert.), 18—tritura, 19—pérfida.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

FIGUEIRA DA FOZ.—Muitos nervos, muita sinceridade, uma pontinha de mau caracter, generosidade bem entendida, reserva, pouca vaidade, ordem e aceio, má memoria, espirito religioso, ideias proprias e nada mudaveis.

BOLACHA DA NACIONAL (Coimbra).—Inteligencia cultivada, originalidade no trato, impulsivo, energico, generosidade moral e material, amor á estética, pouca vaidade e muito orgulho, mais optimismo que pessimismo, lealdade, temperamento fortemente sensual.

«O CEGO QUE NÃO QUERE VER».—Leia Bolacha Nacional que lhe serve.

ROGERS—Caracter impulsivo, cheio de energia e optimismo, inteligencia assimilavel, força de vontade média, bom gosto, temperamento apaixonado muito sensivel e ciumento, habilidade manual, bom diplomata quando quere, sentimento de poesia, generosidade bem entendida.

UMA PORTUGUESA QUE MUITO QUER A FRANÇA.—Caracter calmo e detalhista, mundanismo, pouca vaidade, ordem, um tanto economicas em exagero, equilibrio moral, nervos vibrateis, espirito religioso, diplomacia, força de vontade media e paciente.

A. B. N. C.—Temperamento excessivamente nervoso e impressionavel, inteligencia rapida, um tanto ironico e malicioso original no trato, desconfiado, bom diplomata, reservado quando convem, orgulho intimo que não se transparenta, boa memoria para o estudo e má para os objectos.

As linhas que enviou não posso fazer a analise pois não traz assignatura e o papel é cortado, não tem por tanto margens, emfim! nada. Escreva se quere que lhe devolva o recorte.

(RE'CO'HO').—Caracter complexo e impenetravel, desconfiado, economico, detalhista, habilidade manual, trabalhador e ambicioso, diplomata, ciumento com força de vontade para tudo, muito dedicado aos seus, ordem, pouca vaidade.

MUÑECA.—Temperamento apaixonado e vehemente, teimosa, de resoluções prontas e firmes, orgulhosa sem muita vaidade, boa memoria, amor á verdade, nervos que sabe dominar, bom gosto, bom coração mas pouca meiguice.

JOHN GOODNESS.—Não serve papel pautado, queira escrever outra vez (não é preciso dinheiro).

FILIPE RAY.—F.rça de vontade, energia, inteligencia assimilavel, ordem, amor á estetica e a limpesa, um tanto desconfiado, optimismo proprio de quem está seguro de si, habilidade manual, habitos de trabalho, generosidade bem entendida, boa memoria.

BACAULHAUSINHO CRÚ.—Leia Filipe Rey que lhe serve.

SBINA.-Não serve papel pautado nem versos.

MANDUCA.—Caracter impulsivo mas sabêndo dominar o impulso, franco, leal, um tanto original no trato, ciumento, apaixonado, generosidade, sentimento de poesia, amor ao conforto, boa disposição de animo, um poucochinho mentiroso.

TRISTESINHA.—Muitos nervos e mal dominados, bom coração, generosidades pródigas, boa memoria, vaidade intima de si propria, mais esperta do que inteligente, caracter sensivel e impressionavel, força de vontade media pensa muito antes de resolver uma coisa, amor aos bonecos e ás flores.

JLHEN.—Caracter impaciente um pouco paradoxal em tudo, tem inteligencia ... e custalhe a estudar, e bem quere fazer ver que é mau, tem amor á belesa e á verdade e mente... tem fraca força de vontade, amor á leitura, muito orgulho e muita vaidade interiormente.

MARIO.—Temperamento impulsivo e ao mesmo tempo analisador e pensando muito, um grande orgulho e uma grande alma, força de vontade que por vezes é mais fraca do que deseja ser, bom gosto artistico inteligencia cultivada, generosidade, independencia de ideias e de caracter, talvez um poucochinho exotico, reserva e lealdade, nervos vibrantes, amor á musica.

MAHMOUD I.—Caracter brando, força de vontade impaciente, ordem, aceio, boa memoria que já foi melhor, bom gosto, um tanto desconfiado, apaixonado e sensual, muito dedicado, leal, ambições que nunca confessou, generosidade bem aplicada.

UMA AÇOREANA.—Não serve papel pautado.

CLARA.—Temperamento sonhador e um bocado «impoisoné» de literatura, imaginação, espirito ironico, optimismos passageiros, mentirosa sem consequencias, mundanismo, generosa e interesseira (por muito amor ás coisas bonitas) bom gosto, amor á musica.

MARQUEZ DE LA BONNE VENTURE.—Força de vontade paciente, energia moral, gostos simples, amor á estetica, ordem, mais esperto do que inteligente, habilidade manual, intuição, sensualidade forte, amor aos livros, trato original mas afavel.

ESTEVOFF.—Muita imaginação, caracter impulsivo e impaciente, nervos mal dominados, inteligencia intuitiva, espirito para a ironia, gasta sempre mais do que quere e do que deve gastar, boa memoria muito orgulho e muita vaidade de si proprio, amor á estetica e desordem, vivacidade, bom gosto, verbo facil, bom diplomata quando é preciso.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

A febre do negocio

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 4)

E perante este dilema as emprezas não terão outro remedio senão fechar o negocio, que ainda assim será um grande negocio.

Outros facinoras adotarão ainda o sistema, talvez mais rendoso, de pôr o segredo em leilão, de pôr em praça a sua confissão, as suas revelações.

E nesse caso coberto o maior lance, o criminoso de bandeira encarnada em punho, terminará Ninguem dá mais? Uma. Ninguem dá mais? Duas... Vai-se apronfar p'ra arrematar... duas e meia, e será confidencial para quem der mais, meus senhores. Ninguem dá mais? Tres... Está muito barato meus senhores! Ninguem dá mais? Trez e meia. Está então arrematado ao Diario X, e vá lá que foi uma verdadeira pechincha, meus senhores, uma verdadeira pechincha.

AUGUSTO CUNHA

Um alvitre para a festa dos jardins

Agora que vai realizar-se a festa dos jardins oferecemos ao Sr. Dr. Alfredo Guisado por o sabermos disposto a acolher sempre todas as ideias que tenham um intuito altruista, um alvitre para uma vova fonte de receita para qualquer instituição de caridade.

Aproveitando esta oportunidade duma festa de flores e como a poesia e as flores, sempre fizeram boa liga, não seria interessante, pedir a todos os nossos poetas quadras populares que impressas, presas a flores naturais e vendidas por senhoras gentis, dariam decerto um lucro enorme?

E' uma ideia que nos parece facil de pôrem pratica e de exito seguro.

UM NOVO GRANDE CONCURSO LITERARIO

destinado a obter o maior exito.

O CONCURSO DO SONETO

que brevemente abriremos e que se dirige aos muitos poetas novos que têm surgido, e entre os quais muitos se têm já revelado possuidores de excelentes qualidades.

Admiraveis premios constituidos por grandes obras de literatura, entre os quais VOLUMES DE VERSOS COM AUTOGRAFOS dos nossos maiores poetas:

Eugenio de Castro
Branca de Gonta Colaço
Virginia Victorino
Augusto Gil, Antonio Corrêa d'Oliveira
Oliva Guerra, João de Barros,
Americo Durão Matos Sequeira
e muitos outros.

Aos artistas novos

O Domingo ilustrado *convida aqueles artistas novos que sintam disposição para desenharem reconstituições graficas no genero das capas que costumamos reproduzir, a enviarem-nos alguma produção com acontecimento que julguem merecedor do* Domingo. *No caso de serem aceites, pagamos por preço elevado esses desenhos.*

Actualidades gráficas

A ULTIMA MODA DE PARIS

Eis uma cabeça 1926. Tanto pode ser uma linda parisiense de brincos nas orelhas, como, sem brincos, um groom de «restaurant»...

AS NOSSAS GRANDES MODISTAS

UM NOTAVEL MODELO DE ORIGINALIDADE E SUGESTÃO PARISIENSE LANÇADO ENTRE NÓS POR M.ME VALE, A GRANDE COUTURIÈRE *LISBOETA.*

OS NOSSOS DIPLOMATAS

O sr. dr. Augusto de Castro, nosso ilustre ministro junto da Santa Sé, e cuja acção ali tem sido admiravel — que se encontra entre nós ha alguns dias.

DR. C. MENDES DORDÍO

O eminente clinico, director do Sanatorio do Outão e ex-reitor do Liceu de Setubal, cujos alunos fizeram uma enternecida homenagem á sua alta competencia e ao seu caracter nobilissimo.

OS POETAS

O ilustre jornalista e poeta portuense Eduardo Salgueiro, que acaba de lançar o seu livro «Cantigas dum lusiada», que obteve um exito retumbante.

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161

LISBOA

Abertura da Estação de Verão

Com grandes exposições, abriu esta casa á sua numerosa clientela a ESTAÇÃO DE VERÃO, expondo as mais recentes novidades nacionais e estrangeiras em todos os seus artigos.

Está igualmente exposta a sua grande colecção de modelos em vestidos e manteaux.

BALÕES

Distribuem-se ás 3.as e 6.as feiras, mediante o talão de 30$00 Escudos.

CARDOSO

134, RUA DA PRATA, 136

OS MAIS CHICS CHAPEUS

MODELOS PARA VERÃO

ESPECIALIDADE E VARIADO SORTIDO EM CHAPEUS DE LUTO

PREÇOS MODICOS

Maravilha da comodidade

ATACADORES ELASTICOS

Para atacar de uma vez para sempre. (Em todas as côres) Preço de cada par *Esc. 2$50*
Porte gratis. Descontos a revendedores. Unicos representantes e depositarios em Portugal VICTOR C. CORDIER, L.da
R. do Assucar, 78 - Beato
Depositos:
Em Lisboa: R. da Prata, 275 e C. Marquez de Abrantes, 1-5—No Porto: R. das Flores, 136

BORRACHA, CORREIAS, AMIANTO

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

Nova Sapataria da Moda

GRAND PRIX—RIO DE JANEIRO DE 1908
MEDALHA D'OURO—S. LUIZ 1904

Grande sortimento em calçado em todos os generos.
Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos.

VICTOR GOMES & PEDROSO

Exportação para a Africa e Brazil

PREÇOS RESUMIDOS

102, R. Augusta, 108
61, R. de S. Nicolau, 65
LISBOA

FILIAL NO PORTO—R. Sá da Bandeira, 231

TELEFONE C. 1444

Não se toma a responsabilidade do calçado concertado em atrazo por mais de 3 mezes.

"LINFATINA"

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «*LINFATINA*»—*Nobre Sobrinho.*

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.a Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 47
LISBOA

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000,000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA:—Nova Góa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA:—Macau.
TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES DO ESTRANGEIRO

A FOTOGRAFIA BRAZIL

EXPÕE PRESENTEMENTE OS MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE SE EXECUTAM EM LISBOA

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.
177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEFONE 142 N.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos
O CEGO DA BOA-VISTA

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

"O Homem das 5 horas..."

de maior alegria que tem tido Lisbôa!